



## **Don Giovanni, de Saramago, uma ópera no papel**

Fernanda Verdasca Botton<sup>1</sup>

Resenha de:

SARAMAGO, José. **Don Giovanni ou o dissoluto absolvido**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Paródia e melodrama: são termos essenciais para lermos e compreendermos o último texto teatral de José Saramago, **Don Giovanni ou o dissoluto absolvido**, publicado pela Companhia das Letras. Paródia, pois a obra foi construída como uma imitação paralela, cômica ou satírica, de uma *ode* já existente. Melodrama, uma vez que o resultado final a ser apresentado ao público possui dois elementos primordiais, a música (*melos*) e a ação teatral propriamente dita (*drame*).

O projeto de criar textos paralelos a outros já existentes (ou a histórias já conhecidas e estabelecidas) é um dos principais da carreira de Saramago e, para resumi-lo, podemos citar as palavras de Clara, personagem de **A segunda vida de Francisco de Assis**: “Todas as histórias tem o seu reverso”.

No prefácio de seu **Don Giovanni**, escrito pelo próprio Saramago, as histórias que poderiam ser paradigmas para o reverso saramaguiano são enumeradas: **Don Giovanni** “de Mozart”, “de Tirso de Molina, Cicognini, Giliberto, Dorimon, Villiers, Molière, Rosimond, Shadwell, Zamora, Goldoni, Lorenzo da Ponte, Byron, Espronceda, Hoffman, Zorrilla, Pushkine, Dumas, Mérimée, e não sei quantos mais”.

Dentre essas, e dentre tantas outras que já foram apresentadas, Saramago observa existir um ponto em comum, a culpabilidade e punição do sedutor. O reverso maior proposto pelo escritor português seria, então, uma história que mostrasse, não um sedutor de tantas, mas um seduzido; não um homem punido, mas sim um que fosse agraciado pela redenção advinda do amor. Como personagem fulcral a desconstruir o paradigma e a mostrar o

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Professora de Teoria Literária, Literatura Brasileira e Portuguesa da UniABC.

possível reverso desse, temos Zerlina, a que seduz o sedutor, a que o faz tremer quando toca em suas mãos, a que tira dele a imagem arquetípica de conquistador quando o denomina apenas como Giovanni.

Além disso, para compreender o possível “outro lado” do que já fora contado, o escritor português brinca com o livro em que Don Giovanni teria anotado suas conquistas. O dissoluto teria, assim como nas obras anteriores, “duas mil e sessenta e cinco mulheres” em sua lista, todavia, por três motivos, o nome delas nada significa. Primeiro, porque, assim como nas outras obras, ele as esquece após conquistá-las. Segundo, porque o caderno em que os nomes estão anotados seria substituído por um “em branco”. Terceiro, porque, motivo mais interessante, todas as conquistas perderiam o valor quando os nomes são queimados como em um “auto de fé” a representar a regeneração do sedutor e sua redenção ao amor.

Como já dito, escrever o reverso das histórias é um projeto de Saramago e, por ele, o autor ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1998. Sendo assim, não há o que discutir acerca dessa qualidade de seu **Don Giovanni**. Contudo, como o próprio posfácio da publicação nos esclarece, a gênese e o resultado final desta obra, salientamos, operística, pertence a dois autores: o escritor José Saramago e o músico e libretista Azio Corghi.

Até o final do século XVII, todas as encenações dramáticas que possuíssem músicas eram designadas como melodramas. Naquela época, entretanto, melodrama e ópera diferenciaram-se: o termo melodrama passou a ser usado para designar espetáculos que incluíssem árias musicais no texto primordialmente dramático; o termo ópera, por seu turno, passou a designar espetáculos de poucos diálogos falados num enredo primordialmente musical. Seguindo esse princípio, **Don Giovanni** de Mozart e Lorenzo da Ponte, composta em 1787, recebeu a designação de ópera.

Porém, se a “quantidade” de música influenciaria a designação da obra, no texto destas duas formas existiriam *clichês* que em ambas se repetiriam, mas que hoje são atribuídos somente ao melodrama: a luta maniqueísta do Bem contra o Mal, a vingança dos desafortunados, a vitória

redentora da virtude e a valorização do *bel canto* responsável por colocar em relevo cenas de grande dramaticidade,

A estátua do Comendador, Dona Elvira, Don Octávio e Dona Ana são as personagens que compõem o elemento da vingança, tanto em Mozart e Lorenzo da Ponte quanto em Corghi e Saramago. Na ópera do século XVIII a vitória redentora da virtude ocorre pela punição do Mal, os autores de nosso tempo, por seu turno, optam por mostrá-la absolvendo o dissoluto e relativizam, desse modo, o maniqueísmo melodramático. No espetáculo encenado, a sensibilidade de Corghi traz dobres de sinos tubulares quando Giovanni se apaixona, valorizando onomatopaicamente o “Don” sedutor que se extingue e dá lugar à melodia do puro amor.

Todavia, se o espetáculo encenado traz o *melos* ao palco, devemos perguntar com relação ao que texto foi publicado pela Companhia das Letras: por que o editor optou por não inserir nele os efeitos musicais que representam a verdadeira obra composta por Saramago e Corghi? Por que optou por um posfácio que nos informa da existência de uma arquitetura musical e não inseriu rubricas que a assinalassem? Por que, enfim, considerou apenas como autor Saramago e abdicou do nome de Corghi?

Saramago ganhou o Nobel por construir paródias, mas **Don Giovanni ou o dissoluto absolvido** não é só uma expressão do que já conhecemos desse excelente autor. É também um melodrama, uma tentativa de construir, em conjunto, uma obra que fosse paralela àquela música de Mozart que punha o autor português, como ele mesmo declara, “de joelhos, rendido e submetido”. Portanto, é um *melos* e *drama* e caberia à publicação contemplar tanto a ação teatral e quanto a musicalidade.